



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**JHONATA DA SILVA ROCHA**

**MULHER COMO POSSE: DA MARGINALIZAÇÃO À DENÚNCIA EM ANGÉLICA  
FREITAS**

**CAMPINA GRANDE  
2022**

JHONATA DA SILVA ROCHA

**MULHER COMO POSSE: DA MARGINALIZAÇÃO À DENÚNCIA EM ANGÉLICA  
FREITAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento de Letras e  
Artes da Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de Licenciado em Letras - Português.  
**Área de concentração: Literatura**

**Orientadora:** Profa. Dra. Silvana Kelly Gomes De Oliveira

**CAMPINA GRANDE  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R672m Rocha, Jhonata da Silva.  
Mulher como posse [manuscrito] : da marginalização à denúncia em Angélica Freitas / Jhonata da Silva Rocha. - 2022.  
22 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.  
"Orientação : Profa. Dra. Silvana Kelly Gomes de Oliveira, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."  
1. Escrita feminina. 2. Marginalização da mulher. 3. Questões de gênero. I. Título  
21. ed. CDD 305.42

**JHONATA DA SILVA ROCHA**

**MULHER COMO POSSE: DA MARGINALIZAÇÃO À DENÚNCIA EM ANGÉLICA FREITAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras - Português.

**Área de concentração: Literatura**

Aprovada em: 29/11/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Silvana Kelly Gomes De Oliveira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

---

Profa. Dra. Tássia Tavares de Oliveira  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

---

Profa. Dr. Anacã Rupert Moreira Cruz e Costa Agra  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai, pela dedicação, companheirismo  
e amizade, DEDICO.

*“Que um homem não te define  
Sua casa não te define  
Sua carne não te define  
Você é seu próprio lar”  
(Francisco, el Hombre)*

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>POSSE:O DESLOCAMENTO DO SUJEITO FEMININO.....</b>	<b>7</b>
<b>2.2</b>	<b>Marginalização e Denúncia.....</b>	<b>8</b>
<b>3</b>	<b>ENSAIO ACERCA DO FEMININO EM: UM ÚTERO É DO TAMANHO DE UM PUNHO.....</b>	<b>10</b>
	<b>3.1 O ser mulher: O olhar do outro sobre si.....</b>	<b>10</b>
	<b>3.2 Mulher como molde: Construção e Desconstrução.....</b>	<b>12</b>
	<b>3.3 O ser mulher: Reflexo social.....</b>	<b>15</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>18</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>18</b>

## MULHER COMO POSSE: DA MARGINALIZAÇÃO À DENÚNCIA

### WOMAN AS POSSESSION: FROM MARGINALIZATION TO DENOUNCEMENT

#### RESUMO

Esta pesquisa busca compreender como a literatura pode dar voz aos sujeitos marginalizados sob o jugo do machismo e conseqüentemente do condicionamento social. Entender como a escrita de mulheres pode ser uma ferramenta de denúncia perante a tentativa de dominação masculina e compreender que em todas as esferas as mulheres tiveram que galgar caminhos conflituosos, caminhos esses que ainda precisam ser trilhados em nosso século. O artigo possui o intuito de analisar de forma crítica e reflexiva três poemas retirados da obra *Um útero é do tamanho de um punho*, publicado por Angélica Freitas em 2017, sob a concepção de gênero marcado pelo binarismo, os poemas retirados nos possibilita uma visão geral sobre o conceito que norteia este artigo. Para tanto, como aporte teórico, utilizamos Rodrigues (2015), Duarte (2003), Bourdieu (2002), Dalcastagnè (2011), entre outros que possibilitam a reflexão acerca das causas e conseqüências de uma construção social pautada somente nos corpos e nos papéis estabelecidos por um sistema que reflete as mazelas de nossa época, também busca inferir como a literatura contemporânea é importante para combater e disseminar a necessidade de se debater sobre esses temas.

**Palavras-chave:** Denúncia. Machismo. Marginalização e Mulher.

#### ABSTRACT

This research seeks to understand how literature can give voice to marginalized subjects under the yoke of machismo and consequently of social conditioning. Understanding how women's writing can be a tool for denouncing the attempt at male domination and understanding that in all spheres women had to climb conflicting paths, paths that still need to be trodden in our century. The article aims to critically and reflectively analyze three poems taken from the work *Um uterus is the size of a fist*, published by Angélica Freitas in 2017, under the concept of gender marked by binarism, the poems taken allow us to have an overview about the concept that guides this thesis. For both theoretical support, we use Rodrigues (2015), Duarte (2003), Bourdieu (2002) Dalcastagnè (2011) among others that enable reflection on the causes and consequences of a social construction based only on in the bodies and roles established by a system that reflects the ills of our time, also seeks to infer how contemporary literature is important to combat and disseminate the need to debate these themes.

**Keywords:** Complaint. Male chauvinism. Marginalization and Woman.

## 1 INTRODUÇÃO

Fermentar uma discussão acerca do feminino é sem dúvida uma tarefa rodeada de complexidades e, apesar de atualmente se observar que esse tema vem sendo discutido de uma forma mais ampla e acalorada nas redes sociais, pouco se vê em algumas esferas como é importante desprender o biológico do social. As mulheres são condicionadas a um papel socialmente construído e, além disso, se encontram marginalizadas, intituladas como “loucas” quando vão de encontro ao discurso machista que permeia nosso país. Como indicado em Cândido (2014, p. 29), em sua obra *Literatura e Sociedade*, “a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização que ocorre”, ou seja, a literatura não retrata apenas a sociedade, mas representa a realidade de seu tempo. Nessa perspectiva, este trabalho tende a expor a representação dentro da literatura, especificamente em poemas escritos por mulheres, que retratam esta marginalização.

Angélica Freitas nasceu em Pelotas, em 1973, é formada em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e atuou como jornalista em São Paulo. A sua primeira publicação ocorreu em 2007, com o livro *Rilke Shake* pela editora Cosac Naify, obra a qual estabelece um diálogo entre o contemporâneo e o cânone, por trazer em seus textos características de alguns poetas ingleses do século XX.

Em 2012, pela mesma editora, publica *Um útero é do tamanho de um punho*, uma coletânea de poemas que apresentam uma linguagem mais coloquial, além de temáticas que partem do olhar sobre as mulheres, salientando a violência naturalizada sobre elas, sendo lançada sua segunda edição em 2017 pela editora Companhia das Letras, a qual lançou também sua obra mais recente *Canções de atormentar*, em 2020, com poemas que rememoram sua infância, sem deixar de lado o teor social que é um elemento frequente em seus livros.

Sobre o que uma poetisa brasileira escreve em uma obra com o título tão ousado? O espaço ocupado por essas mulheres também são espaços conquistados para se denunciar a forma que a sociedade as trata? Na obra em questão, *Um útero é do tamanho de um punho*, há poemas diversificados que tratam sobre o feminino, sobre como a sociedade enxerga as mulheres. Desta forma, um dos objetivos do artigo é provocar uma reflexão sobre as concepções de gênero, a falsa conectividade construída sobre o biológico deferido pelo sistema patriarcal, mais precisamente pelas raízes desse sistema, os pensamentos que compõem parte da nossa nação e negativa analogia entre gênero e sexualidade, e consequentemente os efeitos dessa estrutura social pautada na inferiorização da mulher, que não possui o direito sobre o seu corpo, tampouco sobre suas escolhas.

Para o presente trabalho, foi escolhida essa obra que, pelo seu conjunto – poemas e título –, reforça a ideia de luta, expressa o quanto as mulheres estão à margem e ao mesmo tempo propicia que haja a denúncia, não com mecanismos diretos de combate à desigualdade, mas com a provocação de reflexões, desconstruindo preceitos que para nós eram “corretos”, evidenciando o nosso papel como sujeitos de pensamento crítico.

### 2.1 Posse: O Deslocamento do sujeito feminino

posse

substantivo feminino

1. ato ou efeito de se apossar de alguma coisa; propriedade.

2. estado de quem possui uma coisa, de quem a detém como sua ou tem o gozo dela.

As mulheres são vistas como propriedade do homem, esse pensamento segue em várias esferas, na religiosidade temos o discurso da submissão, da mulher sempre inferior do marido, no mercado de trabalho a desigualdade salarial, além de toda a história que sempre apresentou como o sujeito feminino ficou à margem, até mesmo no campo literário, em nossa sociedade ocorre o que Bourdieu (2002) conceitua como dominação masculina, a ideia de que a dominação masculina é aprendida pelo homem e absorvida pelas mulheres inconscientemente, uma violência invisível repassada pelas gerações dentro do que entendemos como tradição, ou seja, o discurso ganha forma e força, realizando o deslocamento das mulheres como donas de si.

A dominação ocorre também através da construção social dos corpos, como aponta ainda Bourdieu (2002, p. 17-18) “que todo trabalho de socialização feminina, tende a impor limites, todos ligados ao corpo que é colocado como sagrado”, entende-se então a necessidade de aprender a se vestir, a boa conduta corporal e moral, seguindo os estágios de sua vida social, desde a menina pura, virgem, logo, dona de casa, esposa, aprendendo assim de forma inconsciente como se portar diante da sociedade, até mesmo a quem dirigir o olhar, condicionada a esse lugar de submissão e não pertencimento. A ideia de posse sobre o corpo feminino sempre esteve em vigência em nosso país, seja nas diversas propagandas comerciais que extrapolam da misoginia, seja nas relações sociais em que são adjetivadas quando fazem uso de liberdade sexual. Isso significa que estão limitadas ao corpo, ao ato de dar ao mundo um novo ser, o que desmascara o discurso de que o papel da mulher seria a reprodução, já ao homem, cabe a busca por prazer, que no senso comum definida e defendida como natural, ligada ao pênis, a ereção como simbolização de poder e dominação. Compreende-se que a violência é um problema social, que precisa ser desestruturado não somente nas consequências do ato, mas diretamente nas raízes desse sistema.

## **2.2 Marginalização e Denúncia**

Ao pensarmos sobre a escrita de mulheres, é necessário se pensar na construção do mercado editorial, no qual as mulheres também se encontram à margem, a princípio para esse objetivo proponho uma breve e necessária reflexão: Já se perguntou por que lemos mais obras escritas por homens do que por mulheres? É só realizar uma pesquisa sobre os livros expostos em livrarias e até mesmo na estante de casa, para notarmos que sim, consumimos mais produções literárias advindas do público masculino.

Falando em mercado editorial, 72% dos autores nacionais publicados, entre 1990 e 2010, segundo a pesquisadora Regina Dalcastagnè (2011), são homens brancos de classe média, uma vez que por séculos era difícil as mulheres encontrarem apoio financeiro e editorial para suas obras, e infere que sinalizar a conexão entre o trabalho artístico, ou seja, a escrita literária, perante as condições sociais e materiais, limitadas aos afazeres domésticos, dificilmente possuiriam respeitabilidade, tendo como consequência também a falta de acesso à educação escolar, não partindo de um pressuposto de que não se produzia literatura ou arte popular, mas compreender que o não acesso a educação impactou na recepção dos textos e na produção, haja vista que a elite define o que é arte e o que deve ser estudado e explorado.

Esse fato se dá em parte pela alfabetização, haja vista que no Brasil, só a partir de 1827, o ensino público e gratuito foi sancionado e assim as mulheres passaram a ter o direito à educação, porém, nem todas tinham acesso, sendo possível somente para as classes abastardas, excluindo pobres e negros. Mesmo aquelas que conseguiram levar sua obra a publicação, como aponta Duarte (2003, p. 163-164), em suas pesquisas, as mulheres

enfrentaram os estranhamentos e dúvidas acerca da verdadeira autoria dos textos, eram desacreditadas e as obras tidas como superficiais, como por exemplo a obra *O quinze* de Rachel de Queiroz que adentrou o mundo das letras, causando estranhamento e dúvidas quanto a sua autoria, se era algum pseudônimo de um homem e não uma escritora que de fato tivesse idealizado a obra. Como é citado pela autora, essa descrença de que uma mulher havia escrito o livro referido, foi confessada por Graciliano Ramos “Seria realmente de mulher? Não acreditei. (...) tão forte estava em mim o preconceito que excluía mulheres da literatura” (2003 p. 164). Portanto a qualidade da obra não era o importante, não se levava em conta o teor literário, mas sim o gênero de quem escreveu, diante dos inúmeros preconceitos que cercavam as mulheres nos séculos XIX e XX, fica mais evidente o longo caminho que foi travado para que esses textos alcançassem as academias, por exemplo, mas ainda na contemporaneidade podemos observar essa marginalização, não é comum incentivar mulheres a desenvolver seu intelecto, a pensar em uma carreira profissional.

Ao pensarmos que por muito tempo as mulheres não tiveram acesso à educação é fácil compreender que a educação familiar, ou seja, o exemplo feminino dentro do lar, de certa forma, ajudou a corroborar com essa narrativa, pois as mulheres em grande parte condicionadas ao papel de donas de casa, ensinavam suas filhas os mesmos passos que aprenderam. As culturas familiares, os ensinamentos passados por gerações ajudam a moldar o caráter do sujeito. Entretanto as lutas travadas pelas mulheres, a frente feminista que se construiu nos discursos que circulam nas mídias e na literatura, fez com que temas como machismo fossem mais debatidos, assim, essas mulheres puderam compreender que não precisam se encaixar em moldes, enxergando que não estão sozinhas na luta por igualdade de gênero.

O texto literário se mostrou como uma ferramenta importante de combate, ferramenta essa que foi reivindicada pelas mulheres. A literatura contemporânea, por sua vez, provoca a reflexão sobre os temas sociais, aplicando o alcance desse debate sobre as mazelas que abrangem nossa sociedade, como infere Rodrigues (2015):

No rol dos escritos literários, a narrativa ficcional ocupa lugar privilegiado como veículo transmissor de ideias que provocam revisões e combates de comportamentos não condizentes com a preservação dos direitos e da liberdade de minorias sociais, étnicas, sexuais e outras. Tendo essa orientação em mente, ratificamos o comprometimento ideológico de toda fala pública, e a não permanência hoje de produções literárias que tenham como motivação apenas o entretenimento acrítico. A obra literária deve tocar nas feridas abertas pela sociedade onde ela se insere, e os autores também devem trazer à tona, na superfície do texto, aquilo que incomoda, denigre, violenta, amedronta e fere aqueles destituídos de voz, que sofrem em silêncio e em solidão (RODRIGUES, 2015, p 343-344).

Deste modo, a literatura deve ser usada para dar voz aos sujeitos que se encontram à margem, se tornando um espaço crítico sobre a condição de si, sobre seu lugar e sua realidade que se assemelha a de milhares de outros. Reafirmando que a literatura representa a sociedade em sua época, e estamos envoltos em debates acerca das concepções de gênero, sobre a liberdade sexual, sobre sexualidade e abusos, sendo temas que precisam preencher esse espaço literário e há as mulheres que vão de encontro às agressões verbais e morais que sofrem diariamente quando se posicionam e assim ajudam na construção de uma discussão crítica sobre seu lugar como sujeito ativo socialmente.

### 3 ENSAIO ACERCA DO FEMININO EM: *UM ÚTERO É DO TAMANHO DE UM PUNHO*

A obra *Um útero é do tamanho de um punho* é composta por subtítulos, que por critérios de apresentação dividiremos em tópicos, sendo eles nomeados: 1º “mulher limpa”, que é composto por dois poemas, seguido do 2º “mulher de” que se divide em 10 poemas, todos iniciados com o substantivo mulher, seguida da preposição “de”, em um 3º tópico temos “A mulher é uma construção”, formado por sete poemas, no 4º tópico temos: “3 poemas com auxílio do google”, que como proposto no título do bloco, se compõem por três poemas, já no 5º tópico “argentina” 6º “o livro rosa do coração dos trouxas” ambos são constituídos por um único poema. Para o presente trabalho iremos nos atentar a 3 poemas que se encontram nos respectivos tópicos – 2º, 3º e 4º. Sendo assim, foi recortado dos 6 tópicos que compõem a obra, 3 tópicos, cada qual com um poema específico.

No tópico 2 - “Mulher de”, os poemas são iniciados com a expressão “mulher de”, no qual a preposição “de” marca a especificação do ser mulher, arraigado a um pertencimento a algo ou alguém, como se isso a identificasse ou a definisse, pois o complemento do título é usado como uma particularidade dessa mulher, sendo possível observar esse aspecto nos títulos – “mulher de vermelho” ou no poema “mulher de um homem só”, no qual o eu lírico é representado por adjetivos, como veremos mais à frente.

No 3º tópico a ser discutido “A mulher é uma construção” é dividido entre poemas os quais dialogam com os estereótipos acerca do feminino e com a construção social que se naturalizou em relação ao papel definido socialmente para cada gênero. Sendo necessário destacar que a concepção de gênero abordada é a tradicional, que se encontra dentro do sistema do binarismo - macho > fêmea, ou seja, o que é apontado como o ideal, a relação entre homem e mulher.

No mesmo conjunto de poemas, nos deparamos com o título “eu durmo comigo”, que nos faz refletir sobre as relações amorosas e o estranhamento social de ver mulheres que moram sós, que não querem ou desejam um relacionamento conjugal, pois a felicidade por muitas vezes é definida como algo que se adquire quando se divide a vida com o outro.

No 4º tópico a ser discutido, “3 poemas com auxílio do google”, nos deparamos com a realidade mais crua desse estereótipo que circunda a construção do que é ser mulher, baseado nos meios digitais, usando o histórico de pesquisa de um dos maiores bancos de navegação do mundo, o Google. Por se tratar de um banco de pesquisa, o qual registra os tópicos mais frequentes e os oferece como sugestões, transmite essa ideia de ser algo comum, que circula entre as pessoas, temos então os poemas: “mulher quer”, “a mulher pensa” entre outros, que aparentam terem sido completados com as sugestões dadas ao se escrever os títulos na barra de pesquisa.

#### 3.1 O ser mulher: O olhar do outro sobre si

O poema o qual se inicia análise foi destacado por apresentar, simular o olhar do outro sobre as mulheres, não é ela o sujeito que fala de si mesma, mas um outro, desconhecido para nós leitores, desmascarando o que se define como papel feminino em nossa sociedade. A discussão partirá com o poema intitulado **mulher de um homem só**. Vejamos o poema na íntegra:

**mulher de um homem só**

lá vem a mulher  
de um homem só  
só pela rua deserta  
em sua bicicleta  
sem bagageiro

está passando  
a mulher de um homem só  
só pela rua deserta  
em sua bicicleta  
sem bagageiro

acabou de passar  
a mulher de um homem só  
só pela rua deserta  
em sua bicicleta  
sem bagageiro  
silêncio  
(FREITAS, 2012, p. 31)

Nos primeiros versos do poema: **lá vem a mulher de um homem só** temos a apresentação de uma mulher, não temos mais informações sobre ela, quem seria então essa mulher andando de bicicleta, se não parte do homem. Desse modo observa-se a perda da identidade pessoal, haja vista, que não há ao decorrer do texto nenhuma informação que mostre a preocupação da autora em apresentar quem seria essa mulher aos leitores, mas ao decorrer da leitura percebe-se que essa falta de informação é proposital, não dar nome ou características a mulher desse poema, pode ser uma provável maneira de encaixar o eu poético a milhares de mulheres que se encontram nessa mesma situação, ficando sob incumbência, do leitor atribuir e preencher as lacunas sobre a identidade dessa mulher sem nome.

Não aponto aqui a perda de identidade como acontecimento, mas como uma consequência. Como indicado em Mercer (1990) [...] "a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza", nessa perspectiva, dentro do poema não temos uma característica fixa desse eu lírico além daquilo que o próprio texto nos infere, uma mulher em sua bicicleta, uma mulher de um único homem.

Quando não se pertence mais a si e passa a ser vista por elementos que compõem o outro, causa um determinado deslocamento do sujeito. A mulher que está em sua bicicleta pode ter uma vida ampla de escolhas ou livre para ser quem deseja ser, porém, no texto esses elementos não são descritos, com isso, temos uma mulher imersa em tudo aquilo que a destitui da condição de sujeito da própria vida. Esse deslocamento pode ocorrer em diversas esferas do cotidiano, o que nos faz refletir sobre o quanto o ser feminino precisa se abster para dar espaço e tempo ao outro, sendo o marido, os filhos, a casa e o trabalho.

O poema provoca a reflexão sobre essa mulher de um homem só, podendo apenas se relacionar com este, reprimida em um relacionamento monógamo, sendo taxada por adjetivos inapropriados caso quebre esse costume, ou seja, mulheres que se relacionam com mais de um parceiro, seja na realidade ou na literatura, causa estranhamento. No entanto, entre os homens, ser de uma mulher só, está longe de configurar um elogio a sua índole, pois é pressuposto que esse papel seja preenchido apenas pelas mulheres. É naturalizado o senso que o homem precisa manter diversas relações, ser aquele que traz para o seio familiar, particularmente para a vida sexual do casal, a experiência, já dá mulher é esperada a pureza que em parte é marcada pela virgindade, apesar de ser compreendido que o ideal de pureza dado à mulher é meramente mais um símbolo da luxúria sexual masculina e da sua satisfação ao ser o primeiro contato sexual dessa mulher como reafirmação de sua posse.

Essa divisão se deu pelo universo masculino, em parte, por medo de serem identificados com as representações pertencentes ao mundo feminino, haja vista que essa identificação está diretamente ligada à ideia do machismo, levando em consideração o pensamento de que o homem que segue as regras do matrimônio, ou seja, ser monogâmico e não se sobressair sobre o que a mulher pensa ou deseja, acaba por se tornar um capacho. Nessa perspectiva, vale citar:

[...] se inscreve também nos corpos através de injunções tácitas, implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos ou privados (basta lembrarmos, por exemplo, as condutas de marginalização impostas às mulheres com sua exclusão dos lugares masculinos). As regularidades da ordem física e da ordem social impõem e inculcam as medidas que excluem as mulheres das tarefas mais nobres (BOURDIEU, 2002, p. 26).

Além do ideal de mulher como um sujeito que deve estar sobre o olhar de um homem, temos a concepção de uma construção social que se iniciou com base nas diferenças biológicas entre os gêneros, como a força muscular, o que concede ao homem o lugar de quem supre as necessidades, a partir dessa concepção tem a figura masculina como aquela que sai para trabalhar enquanto a figura feminina fica em casa. Segundo Wright (1996), os homens por possuírem mais massa muscular seriam os responsáveis pelo sustento do lar e dessa característica física decorreria a psicológica, sendo maior capacidade de organização grupal, que podemos encaixar em um comportamento de liderança, já as mulheres eram mais voltadas ao lar, aos filhos, cuidar do marido e da casa. Atualmente, sabe-se que essas diferenças biológicas não definem características psicológicas, pois essas são estabelecidas pelo contexto social, vivências e experiências do sujeito.

Por sua vez, temos os trechos: “só pela rua deserta” / “em sua bicicleta sem bagageiro” / “silêncio”. A mulher caminha sem espaço para levar algo ou até mesmo outros consigo, pode-se entender essa ausência de bagageiro como alguém sem história, sem um passado, como se sua vida fosse aquela bicicleta. A repetição dos versos transmite a sensação de que alguém está observando essa mulher passar, dessa forma, o texto é construído por um olhar de fora: “lá vem a mulher” / “está passando a mulher” / “acabou de passar a mulher.” Tem-se o eu lírico que de longe vê essa mulher em sua bicicleta e a partir do que vê, elabora suas próprias impressões sobre ela. Ao analisarmos o trecho “lá vem a mulher” é possível elucidar que esse caminho faz parte da rotina dessa mulher, sendo comum a ver passar todos os dias por aquele mesmo lugar.

O poema termina como o termo silêncio, podendo ser a finalização da passagem dessa mulher, que some diante da rua, ou a marca da solidão da mulher que passa só, pela rua deserta, perdida na abstenção total de si, sem voz e nome.

Freitas (2017), com um poema curto, é capaz de denunciar no ato do dia a dia, um ir e vir de bicicleta que deveria remeter a liberdade, o quanto as mulheres ainda estão presas nesse ideal misógino de pertencimento, ali é apresentado apenas uma mulher sem a companhia desse homem, mas mesmo assim ao ser caracterizada, ela é vista apenas como essa mulher que segue sozinha, mas que pertence ao outro, ou seja, a caracterização que é dada é baseada em um outro sujeito, sendo esse, um homem.

### 3.2 Mulher como molde: Construção e Desconstrução

No segundo bloco destacado para a análise, temos o poema **A mulher é uma construção**, sendo um texto que disserta sobre a construção acerca do que é ser mulher e os

papéis que a definem socialmente. No poema observa-se o conflito entre a concepção de gênero construída socialmente e a desconstrução que se dá com o rompimento da expectativa de que a mulher precisa se encaixar em um molde, assim como o tijolo de uma construção. Vejamos:

a mulher é uma construção  
 a mulher é uma construção  
 deve ser  
 a mulher basicamente é pra ser  
 um conjunto habitacional  
 tudo igual  
 tudo rebocado  
 só muda a cor  
 particularmente sou uma mulher  
 de tijolos à vista  
 nas reuniões sociais tendo a ser  
 a mais mal vestida

digo que sou jornalista

(a mulher é uma construção com buracos demais

vaza

a revista nova é o ministério dos assuntos cloacais  
 perdão  
 não se fala em merda na revista nova)

you é mulher  
 e se de repente acorda binária e azul  
 e passa o dia ligando e desligando a luz?  
 (you gosta de ser brasileira?  
 de se chamar virginia woolf ?)  
 a mulher é uma construção  
 maquiagem é camuflagem  
 toda mulher tem um amigo gay  
 como é bom ter amigos  
 todos os amigos têm um amigo gay  
 que tem uma mulher  
 que o chama de fred astaire  
 neste ponto, já é tarde  
 as psicólogas do café freud  
 se olham e sorriem  
 nada vai mudar –  
 nada nunca vai mudar –  
 a mulher é uma construção  
 (FREITAS, 2012, p.37)

O texto se inicia com dois versos repetidos - “a mulher é uma construção” / “a mulher é uma construção”, essa repetição pode se tratar de uma tentativa de compreender o motivo pelo qual a mulher é uma construção ou refletir o discurso de que a mulher é socialmente construída com autoafirmação. No poema, é possível notar uma dualidade presente no vocábulo construção e essa repetição seria uma provável marca desse duplo sentido – A mulher é uma construção, pensada dentro dos parâmetros sociais e a mulher é uma construção, como prédio físico, mas ambas as ideias são produzidas pelo outro, a partir da vontade e necessidade do outro, nunca de si.

Os versos seguintes funcionam como argumentos que validam esse pensamento por serem facilmente retratados na nossa sociedade. Nessa perspectiva, Beauvoir (1980), cita que “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino”. A construção que define o gênero não é a natural, não parte concepção biológica, mas sim cultural, sendo dessa forma, construído pelo homem, que quando contrariado levanta como defesa o fator biológico, na tentativa de propagar esse pensamento de que o ser feminino está sob domínio do ser masculino, de que a mulher deve estar dentro de um papel imposto pela sociedade de dama, recatada e do lar.

Observa-se que o poema segue com a confirmação - *deve ser*, o “deve ser” como uma suposta dúvida e ao mesmo tempo como uma certeza, a mulher não é uma construção, mas aquilo que se define como mulher é socialmente construído e imposto como o devir, uma obrigação. O sujeito, enquanto mulher, nasce dentro de um papel já predeterminado e, para que seja aceita nas esferas sociais – igreja, escola, relacionamento, é preciso seguir essas especificações, que servem apenas para moldar o comportamento, delimitar o que pode ou não ser feito e principalmente definir aquilo que deve ser feito, esse molde se inicia desde sua infância, nas brincadeiras, nos brinquedos. Apesar de surgir pais que contrariam essa ideia de dar brinquedos baseado no gênero da criança, ainda há uma crítica severa acerca do comportamento desses pais e, portanto, se faz necessário à validação que brincar com carrinho ou com boneca não vai transformar a criança em homem ou mulher, mas apenas propagar um preconceito enraizado no machismo. Outro fato que pode justificar esse comportamento é a falsa relação entre gênero e sexualidade, há no senso comum a crença que o homem que se descobre homossexual deixa de ser homem ou deseja ser o sexo oposto e no caso da mulher, a quebra da feminilidade é atacada, ou seja, nesse aspecto não se leva o biológico em conta, mas como essa mulher se apresenta perante a sociedade.

Freitas (2012) apresenta esse “deve ser” como a conclusão que é explicada no decorrer do poema, enquanto ressoa a dúvida. Criaram-se papéis e funções que foram divididas dentro da concepção de gênero e que transformam as diferenças biológicas em normas sociais, e cabe dentro do poema ao gênero feminino ser superficial que só se preocupa com a maquiagem, a estética, como vemos nos versos: “nas reuniões sociais tendo a ser a mais mal vestida” “maquiagem é camuflagem”.

Outro ponto que vale ressaltar no texto em análise é a mulher sendo apresentada por concepções de construção diferentes: sendo a construção social, e a construção civil. Na concepção social, temos a papel de mãe, dona do lar, a mulher como o sexo frágil, a quem é dado à função de cuidar, que fica à frente do lar nos afazeres domésticos, é quem lava cozinha, sendo assim, um conjunto de ações para o outro.

Referente à construção civil, temos a mulher como um prédio, essa alusão estabelece uma comparação entre a mulher e um conjunto habitacional, onde cada um define sua regra, mas ela em si, sendo a dona do corpo e da mente, não é detentora da liberdade, pois a função do conjunto habitacional é de ser um porto seguro para o outro, é se abster de si e dar espaço ao homem, aos filhos e qualquer um deles entra e sai desse conjunto. Um prédio composto por tijolos é criado para transmitir segurança, um ideal de continuidade, um lugar no qual podem voltar após gozar de sua liberdade social e sexual, pois a mulher estaria condicionada ao papel de quem fica. No verso seguinte tem-se “você é mulher” / “e se de repente acorda binária e azul” / “e passa o dia ligando e desligando a luz?” / “(você gosta de ser brasileira? de se chamar virginia woolf ?)”. Partindo do verso, ao refletirmos sobre a ideia de acordar-se binária, temos a concepção binária de gênero, macho e fêmea, e se partirmos da etimologia, temos o ser binária como duplo, dobrado, ou seja, essa mulher pode não se enquadrar em seu gênero ou transitar entre eles, haja vista, que o “azul” é associado ao senso comum de que essa é uma cor ligada ao masculino, principalmente nos eventos de revelação do sexo da

criança. No outro ponto é questionado sobre gostar de se chamar Virginia Woolf, que foi uma das escritoras que mais defendeu os direitos das mulheres, podendo ser uma homenagem pela luta e pelo espaço que foi conquistado através dos textos ou uma comparação entre a luta da mulher brasileira que enfrenta diariamente os resquícios de um sistema patriarcal, que mesmo não vigente, ainda possui suas raízes fincadas em nossa terra com a crítica severa que Woolf fazia a esse sistema.

A seguir temos os trechos: “toda mulher tem um amigo gay” / “como é bom ter amigos” / “neste ponto, já é tarde” / “as psicólogas do café freud se olham e sorriem.” Ao pensarmos sobre os relacionamentos sociais, há uma certa desconfiança quando uma mulher é amiga de um homem heterossexual, isso se dá devido a propagação do pensamento que o homem precisa sempre querer mais do que amizade, precisa ter e manter relações que ultrapassem esse campo. Outro ponto é refletir sobre a relação que se faz entre a mulher e o homem gay, provavelmente provocada pela falsa impressão e pela afinidade forçada, estabelecida social e culturalmente de que todo homossexual deseja ser mulher ou agir socialmente no que é estabelecido como feminino. A homofobia parte desse machismo mascarado, que reprime as mulheres e seus relacionamentos e reprime o homem gay, enquanto o inferioriza por parecer ou lembrar o feminino. Ao unir os sentidos acerca da palavra construção, observa-se que a mulher construída socialmente é um corpo no qual o outro (ser masculino) possa tomar para si, ir colocando tijolo por tijolo do que ele deseja, temos a cor, o concreto como regras que limitam, acorrentam as mulheres e as designam para um determinado papel, dentro desse âmbito cabe levar em consideração os padrões de beleza refletindo sobre alusão de Freitas (2012), por sua vez pensamos no concreto que se solidifica como referência ao senso comum que permeia em nossa sociedade, fazendo com que as mulheres fossem silenciadas e encaixadas em um papel que não as pertence e crê-se desde então que a mulher deve ser a dona do lar.

Seguimos, nos versos finais do poema – “nada vai mudar” – / “nada nunca vai mudar” – / “a mulher é uma construção”. Pode-se observar um pensamento em parte pessimista em relação ao futuro, apesar dos debates, das manifestações em prol da igualdade entre homens e mulheres, pensamento do ser feminino como construção ainda segue forte dentro de algumas esferas, como a religiosa que propaga o discurso da mulher como inferior ao homem, na educação familiar em que o pai quando de corpo presente, não se envolve no dia a dia e na criação dos filhos, dentro do mercado de trabalho nos aspectos de salário, vagas de emprego, mas como a própria dualidade entre as construções presentes no poema, há o desejo de reconstruir, dar novos sentidos aos estereótipos apontados como características naturais.

### **3.3 O ser mulher: Reflexo social**

No último bloco a ser analisado, encontram-se os “poemas com o auxílio do google”, entre eles o poema “a mulher quer”, o qual segundo a autora foi escrito com base em recortes e colagem da aba de pesquisa do navegador:

[...] “Um dia coloquei no Google “A mulher é” – vai que obtivesse alguma resposta interessante. Fui copiando e colando os resultados para talvez montar um poema mais tarde. Ao ler o material que havia juntado, percebi que nem fazia falta dar-lhe uma “ordem”. Não havia como ficar menos ou mais absurdo do que aquilo”. (FREITAS, 2016, p. 354)

Os textos resultantes dessa pesquisa, como cita a autora, é um absurdo, e não por terem sido construídos por base em uma colagem, pois segundo Compagnon, (2007, p. 39),

escrever é reescrever, reproduzir um texto a partir de suas ideias e organizá-las conforme sua intenção. Dessa forma, o absurdo se refere aos resultados dessa pesquisa, definindo o caráter machista e misógino com o qual marcam o ser feminino. A partir da leitura do poema **a mulher quer**, é possível observar a objetificação da mulher, vejamos poema na íntegra:

**a mulher quer**

a mulher quer ser amada  
 a mulher quer um cara rico  
 a mulher quer conquistar um homem  
 a mulher quer um homem  
 a mulher quer sexo  
 a mulher quer tanto sexo quanto o homem  
 a mulher quer que a preparação para o sexo aconteça lentamente  
 a mulher quer ser possuída  
 a mulher quer um macho que a lidere  
 a mulher quer casar  
 a mulher quer que o marido seja seu companheiro  
 a mulher quer um cavalheiro que cuide dela  
 a mulher quer amar os filhos, o homem e o lar  
 a mulher quer conversar pra discutir a relação  
 a mulher quer conversa e o botafogo quer ganhar do flamengo  
 a mulher quer apenas que você escute  
 a mulher quer algo mais do que isso, quer amor, carinho a mulher quer segurança  
 a mulher quer mexer no seu e-mail a mulher quer ter estabilidade  
 a mulher quer nextel  
 a mulher quer ter um cartão de crédito  
 a mulher quer tudo  
 a mulher quer ser valorizada e respeitada  
 a mulher quer se separar  
 a mulher quer ganhar, decidir e consumir mais  
 a mulher quer se suicidar  
 (FREITAS, 2012, p. 72).

Para podermos analisar os resultados propostos no poema, é necessário entender o que seria o "querer", verbo repetido muitas vezes no texto em questão. Para tal veremos desde sua epistemologia no dicionário online Michaelis:

- 1 Sentir vontade de; ter a intenção de: Nós queremos viajar no inverno.
- 2 Desejar adquirir ou possuir: João quer uma moto nova.
- 3 Exigir que se cumpra algo, ordenar: Quero o dinheiro agora!
- 4 Almejar algo profundamente; aspirar, pretender: Ela quer um emprego público.
- 5 Necessitar de algo; demandar: Um bom vatapá quer bastante camarão.
- 6 Fazer menção de; ensaiar: O bebê já quer andar.
- 7 Desejar que alguém esteja em determinado estado, situação etc.: Quero a empregada alfabetizada em pouco tempo.
- 8 Desejar estar em determinado estado, situação etc.: Quero-me magra e elegante em três meses.

Querer é em seu íntimo pode revelar um desejo em relação a algo ou alguém, ter a vontade de fazer ou sentir algo, nesse aspecto o poema apresenta o verbo querer como representação desse desejo voltado a mulher, mas com a ótica masculina, é o olhar do homem sobre quais seriam os desejos femininos. Nos trechos – “a mulher quer ser possuída” / “a mulher quer um macho que a lidere” / “a mulher quer que a preparação para o sexo aconteça lentamente” / ”a mulher quer ser possuída.” Pode-se ver que não é a mulher que define o que quer, mas sim o outro. A mulher existe apenas na medida em que está em função do homem.

Como se observa no poema as mulheres são vistas como emocionais, que pensam com o coração, "a mulher quer ser amada/ a mulher quer um cavalheiro que cuide dela", vê-se então as mulheres como sexo frágil, que necessita do homem para que sua vida seja completa, alguém que necessita ser cuidada, protegida, o sexo casual, como ocorre naturalmente para o homem, não é pensado como natural a mulher. Esse pensamento se torna um problema quando há a generalização de que todas as mulheres devem e são encaixadas nessas fôrmas sociais, como nos trechos "a mulher quer casar" / "a mulher quer amar os filhos, o homem e o lar." Há mulheres que não aspiram esses sonhos, nem toda mulher deseja ser mãe. No trecho "a mulher quer um cara rico" / "a mulher quer ter um cartão de crédito", observa-se que o amor deu espaço ao interesse econômico, o emocional virou status e a mulher emocional, frágil que busca amor, agora busca uma boa vida. A ideia de que as mulheres que desejam o amor não desejariam o status, uma vez que priorizar os bens materiais seria uma busca racional, também se configura em uma construção social. O desejo de amar não condiciona a pobreza, mas socialmente as mulheres precisam escolher entre o amor e os bens materiais ou ser taxada de interesseira caso queira ambas. Subtende-se que nessa concepção de amor, o homem é aquele que ocupa o papel de mantenedor.

Nos versos seguintes, "a mulher quer sexo" /a mulher quer tanto sexo quanto o homem" e a "mulher quer conquistar um homem" / "a mulher quer um homem". Tem-se o pensamento de que ela necessita de um homem, mas querer tanto sexo quanto o homem não a prende a uma relação heterossexual ou uma relação entre duas pessoas, a satisfação sexual não se dá apenas pelo contato com o outro, o que segundo Beauvoir, (2016) "o homem encara o corpo como uma relação direta e normal com o mundo, que acredita apreender na sua objetividade", enquanto considera o corpo da mulher "sobrecarregado por tudo que o especifica: um obstáculo, uma prisão." Entra-se o pensamento do autoconhecimento sexual como pecado, uma carga de culpa sobrecarregada do ideal de pureza.

Observa-se que, dentro da história ou dos discursos religiosos, as mulheres são cercadas de regras e papéis a serem seguidos, devendo estar em submissão ao ser masculino, uma obrigação determinada por sua condição sexual. O discurso religioso propaga de certa forma a concepção de mulher perante uma construção social, como aponta Butler: "A dominação ocorre por meio de uma linguagem que, em sua ação social plástica, cria uma ontologia artificial de segunda ordem, uma ilusão de diferença e disparidade, e, conseqüentemente, se transforma em realidade social" (2010, p. 171). O discurso repetido diversas vezes ao longo de nossa história nutre o pensamento de submissão do ser feminino, o que por sua vez, é reforçado pela religião.

Nos últimos versos do poema, a mulher quer tudo, não apenas aquilo que lhe foi designado, mas sim o que realmente deseja, o poema poderia ter se encerrado nesta expressão – "a mulher quer tudo", porém, Freitas (2012) foi além, a mulher quer ser valorizada, quer respeito, voz, ser dona do seu corpo e da sua vida. Por fim, o trecho que encerra o poema – "a mulher quer se suicidar" transmite a sensação de lamento, e aparenta ser o querer o qual essa mulher consegue realizar por si, sem estar em função do homem, mas em virtude das ações de uma sociedade "dominada" por ele. Vê-se a morte como a finalização de um ciclo, nascer mulher, viver perante o outro, morrer devido às ações do outro. Freitas não apresenta em sua obra uma forma de combater a opressão machista, mas realiza denuncia, abre o espaço que possui no mercado editorial para trazer uma necessária reflexão sobre qual sociedade estamos construindo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa tese buscou compreender como a literatura pode dar voz aos sujeitos que viveram a margem em um país construído sobre as raízes de um sistema patriarcal, tendo como principal fruto o machismo e compreender que em todas as esferas as mulheres tiveram que galgar caminhos conflituosos, caminhos esses que ainda precisam ser trilhados em nosso século. Os três poemas analisados possuem uma correlação devido ao eixo temático e a forma que propõem ou simulam o olhar do outro para o que é ser mulher, como a sociedade tenta encaixá-la em moldes do que seria o ideal. O olhar do homem sobre o ser feminino, a necessidade de reforçar sua masculinidade e refutar tudo aquilo que se assemelhe ao sexo oposto, nasce então o machismo, o elemento que tende a inferiorizar e agir como esse molde, mas que representa mais sobre quem o usa do que sobre quem o denuncia, e é sobre denuncia que os textos de Freitas nos fazem pensar, os três poemas retirados da obra *Um útero é do tamanho de um punho* provocam uma reflexão acerca do papel da mulher na visão do homem.

Temos o poema escrito com base em recortes de pesquisas realizadas no Google, por exemplo, a base de pesquisa usada por grande parte da população, representando assim a visão estereotipada, o reflexo de um país que se desenvolveu empurrando as chamadas minorias, deixando-as ainda mais à margem, contudo, o espaço literário nos insere nas realidades de sua época, com isso, se torna um caminho para que se debata sobre as mazelas sociais. A arte possui essa força, encantar em sua forma e ao mesmo tempo deixar em suas linhas as complexidades que formam o sujeito, a literatura por sua vez, não só como arte, mas como uma ciência, apresenta a nós leitores os efeitos dessa força, como a educação escolar, na formação de um sujeito crítico, capaz de repensar e desconstruir preceitos, assim como, o poder de encarar alguns problemas que afetam nossa sociedade.

O ato de desconstruir preceitos é necessário quando falamos de elementos que estão intrínsecos em nosso meio, enraizados na construção da sociedade, só assim, poderemos observar avanços nos direitos e nas conquistas, a luta se faz necessária em todas as frentes, e a escola, os professores são essenciais nesse campo. Outro fator importante ao refletir sobre os poemas, é que a concepção de uma sociedade marcada pelo binarismo não pode sobressair a vontade do sujeito de ser quem deseja ser, ou melhor, de ser quem realmente é, assim como Freitas nos diz em um dos seus poemas, se tudo é uma construção social, cabe a nós construir uma sociedade mais justa, tijolo por tijolo.

#### REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo sexo – fatos e mitos*; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Enciclopédia Britânica, 1980. Edição Ecumênica.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Difusão Editorial: Lisboa, 1989.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 2. ed. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

DALCASTAGNÈ, R. Vozes femininas na novíssima narrativa brasileira. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S. l.], n. 11, p. 19–26, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/8866>. Acesso em: 5 out. 2021.

DALCASTAGNÈ, Regina. Representações restritas: a mulher no romance brasileiro. In: DALCASTAGNÈ, R. LEAL, Virgínia M. V. (Orgs.). Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.

Duarte, C. L. Feminismo e literatura no Brasil. Estudos Avançados, 17(49), 151-172. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950>, (2003).

FREITAS, Angélica. Um útero é do tamanho de um punho. 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MERCER, K. "Welcome to the jungle". In Rutherford, J. (org.). Iden\*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/querer>. Acesso em 10 de Abril. De 2022.

RODRIGUES, R. M. Performatividade e biopoder em narrativas contemporâneas de autoria feminina: as mulheres ficcionais da coleção amores extremos. 2015. 406 f. Tese – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2015.

WILLIAMS, Melissa S. Voice, trust, and memory: Marginalized groups and the failings of literal representation. Princeton: Princeton University Press. Apud DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: Um território contestado. Vinhedo: Editora Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, que fez tornar possível esses primeiros passos na longa jornada acadêmica.

Ao meu pai, que em vida me apoiou, rindo das minhas alegrias e se compadecendo pelos momentos difíceis, não me viu no fim da estrada, mas esteve comigo no começo da caminhada.

A Micaela e Silvana pelos incentivos, direcionamentos e sem dúvida, pela paciência, por serem as guias que me ajudaram a tornar esse trabalho realidade.

A Ítalo, pelo companheirismo, por estar ao meu lado compartilhando as noites frias, debatendo sobre títulos e sinônimos ao decorrer da construção desse trabalho.

A minhas irmãs, Viviane e Jessica, pelas alegrias e elogios, que por muitas vezes, me tomaram de nova coragem para encarar os obstáculos.

Aos amigos, sem eles as noites na UEPB seriam em alguns momentos mais enevoadas.

Aos professores que me fizeram apaixonar-me ainda mais pelas letras, viver e morrer pela literatura.

Por fim, a Universidade Estadual da Paraíba, por tornar alcançável o sonho da graduação.